

Fernanda Pereira Martins  
Raquel Balli Cury  
Leonardo Batista Pedroso  
(Organizadores)

# Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



**Atena**  
Editora

Ano 2021

Fernanda Pereira Martins  
Raquel Balli Cury  
Leonardo Batista Pedroso  
(Organizadores)

# Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Geografia, ensino e construção de conhecimentos

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Fernanda Pereira Martins  
Raquel Balli Cury  
Leonardo Batista Pedroso

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia, ensino e construção de conhecimentos /  
Organizadores Fernanda Pereira Martins, Raquel Balli  
Cury, Leonardo Batista Pedroso – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-968-4

DOI 10.22533/at.ed.684210904

1. Geografia. I. Martins, Fernanda Pereira  
(Organizadora). II. Cury, Raquel Balli (Organizadora). III.  
Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A escola se traduz enquanto um espaço plural, onde o conhecimento manifesta-se de diferentes maneiras, sejam elas provenientes de experiências e vivências, bem como de aspectos teórico-metodológicos e técnicos de cada área do conhecimento.

A Geografia, não obstante da importância das demais disciplinas, destaca-se pela notoriedade quanto à visão crítica do mundo, fruto da compreensão das dinâmicas inerentes ao espaço geográfico. Discutir Geografia é, antes de tudo, discutir o espaço vivido, transformado, particular e plural. As experiências deste vasto mundo não se segregam daquelas praticadas no ambiente escolar. Muito pelo contrário, este é apenas um dos fragmentos do espaço geográfico onde materializam-se questões culturais, étnicas, econômicas e sociais como um todo.

Diferente dos demais espaços onde os aspectos geográficos são moldados, a escola representa essa construção, mas também a sua compreensão e abstração. Adornar criticamente a visão que temos do mundo é uma das funções delegadas ao ambiente escolar, cerne da construção do conhecimento.

Essa visão romântica e até mesmo quase poética da ciência geográfica é a tradução simples da complexidade de relações que essa ciência nos proporciona no cotidiano escolar.

Este livro está constituído por 18 capítulos, que remontam distintas experiências neste contexto supracitado, cada qual com sua expertise e contribuições epistemológicas.

Esperamos que os relatos, conhecimentos e experiências apresentados aqui sejam de grande valia para a construção de saberes e enriquecimento da Geografia brasileira. Que seja uma leitura agradável e profícua.

Fernanda Pereira Martins  
Raquel Balli Cury  
Leonardo Batista Pedroso

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

**A GEOGRAFIA HUMANA E SUAS PAISAGENS: DIAGNÓSTICO PARA O FORTALECIMENTO DA MARCA IFG, CAMPUS GOIÂNIA, GO**

Anna Lara Rodrigues  
Bruna Martinelle Cyrillo da Silva  
Gabriel de Araújo Fonseca  
Fábio Carvalho  
Júlia Lopes Machado  
Júlio César Caixeta  
Lídia Milhomem Pereira  
Lucas Alves de Santana Garcia  
Tallyson da Silva Santos Cavalcanti

**DOI 10.22533/at.ed.6842109041**

### **CAPÍTULO 2..... 15**

**A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Severino Alves Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.6842109042**

### **CAPÍTULO 3..... 24**

**A PERCEÇÃO DOS ENTES FEDERADOS QUANTO A VISIBILIDADE EDUCATIVA MEDIANTE A BNCC COM FOCO NA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS**

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

**DOI 10.22533/at.ed.6842109043**

### **CAPÍTULO 4..... 36**

**ABORDAGEM DA TEMÁTICA GEOCONSERVAÇÃO/PATRIMÔNIO GEOLÓGICO PELO DOCENTE DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL BÁSICO**

Karlos Augusto Sampaio Junior

Adriana Oliveira Silva

**DOI 10.22533/at.ed.6842109044**

### **CAPÍTULO 5..... 48**

**COMO É REPRESENTADO O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Antuerber Arthur Alves Farias da Luz

**DOI 10.22533/at.ed.6842109045**

### **CAPÍTULO 6..... 58**

**ENSINAR EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM EM SÃO GONÇALO: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO**

Ana Claudia Ramos Sacramento

Guilherme Freitas Hartmut Behm

**DOI 10.22533/at.ed.6842109046**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA Gabriel de Miranda Soares Silva <b>DOI 10.22533/at.ed.6842109047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
OFICINAS LÚDICAS COMO APORTES DO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MONTES CLAROS – MG Iara Maria Soares Costa da Silveira Túlio de Oliveira Ruas <b>DOI 10.22533/at.ed.6842109048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
RELEVO E ENSINO: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA GEOGRAFIA ESCOLAR EM MANAUS-AM Carlos Silva da Costa Brito Miguel Sá de Souza Brito Adorea Rebello da Cunha Albuquerque <b>DOI 10.22533/at.ed.6842109049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E O DIREITO À CIDADE Glória da Anunciação Alves <b>DOI 10.22533/at.ed.68421090410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: A DESARTICULAÇÃO E DESAGREGAÇÃO TERRITORIAL NOS FAXINAIS DO PARANÁ Reinaldo Knorek Ancelmo Schörner Rui Pedro Julião Carlos Alberto Marçal Gonzaga <b>DOI 10.22533/at.ed.68421090411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>122</b>
ESTIMATIVA DA TEMPERATURA DA SUPERFÍCIE DO MAR VIA SENSORIAMENTO REMOTO E DETECÇÃO DO FENÔMENO DE RESSURGÊNCIA, UMA COMPARAÇÃO ENTRE MARROCOS E PORTUGAL Thyago Anthony Soares Lima <b>DOI 10.22533/at.ed.68421090412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
LAGO DO REMANSO, CONHECER PARA PROTEGER Angela Maria Correa Mouzinho Santos Alexsandra Maura Costa Bernal Martin João Pedro Araújo Silva Daniel Cutrim Aires	

Ronilson Lopes Brito  
Vagner de Jesus Carneiro Bastos  
DOI 10.22533/at.ed.68421090413

**CAPÍTULO 14..... 155**

**MIGRAÇÕES E O AUMENTO DO NÍVEL DO MAR: O CASO DOS ESTADOS DAS ILHAS ATOL**

Gabriela Mendonça da Trindade  
João Vitor Cepinho  
Gabrielly Zuquim Ferreira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.68421090414

**CAPÍTULO 15..... 167**

**OLHARES SOBRE A MEMÓRIA E TERRITORIALIDADE NA AVENIDA GETÚLIO VARGAS EM CUIABÁ-MT**

Sônia Regina Romancini  
João Marcos de Campos Barros Corrêa  
Franciellen de Almeida Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.68421090415

**CAPÍTULO 16..... 178**

**POLÍTICA DE ATRAÇÃO DE INDÚSTRIAS NA BAHIA E OS PROGRAMAS DE INCENTIVO FISCAL NA DÉCADA DE 1990**

Vanessa da Silva Vieira

DOI 10.22533/at.ed.68421090416

**CAPÍTULO 17..... 187**

**REVITALIZAÇÃO DO CÓRREGO BARRO ALTO**

Maria Ivanúbia de Queiroz  
Edna Sousa Nunes  
Izabel Liandra Pereira Meireles

DOI 10.22533/at.ed.68421090417

**CAPÍTULO 18..... 196**

**TERRITÓRIOS DA MORTE, DO MEDO E DE RESISTÊNCIA LGBTQIAP+: POR UMA LEITURA GEOGRÁFICA DAS MORTES, DO MEDO E DAS RESISTÊNCIAS CONSTRUÍDAS POR CORPOS DISSIDENTES**

Wilians Ventura Ferreira Souza  
Carlos Alberto Feliciano

DOI 10.22533/at.ed.68421090418

**SOBRE AS ORGANIZADORES..... 207**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 208**

## ENSINAR EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM EM SÃO GONÇALO: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

*Data de aceite:* 01/04/2021

*Data de submissão:* 04/01/2021

### **Ana Claudia Ramos Sacramento**

Departamento de Geografia- Faculdade de  
Formação de Professores-  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
São Gonçalo-RJ  
<http://orcid.org/0000-0002-3006-5310>

### **Guilherme Freitas Hartmut Behm**

Secretaria de Estado de Educação do Estado  
do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ)  
São Gonçalo-RJ  
<https://orcid.org/0000-0002-9929-0452>

**RESUMO:** Os espaços não formais de aprendizagem têm promovido experiências significativas para pensar o ensino da Geografia e a leitura espacial da cidade. Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da leitura espacial de dois espaços não formais situados no município de São Gonçalo-RJ: o Assentamento Fazenda Engenho Novo – Sítio Girassol – e a Estação Experimental Climatológica da UERJ-FFP. Esses espaços foram visitados por 50 estudantes da Escola Estadual Moacyr Meirelles Padilha e por 40 estudantes da Escola Estadual Frederico Ozanam localizadas em São Gonçalo-RJ. As escolhas dos espaços, os roteiros de atividades foram construídos, portanto, para organizar a ideia de observar, descrever e compreender os espaços pelos estudantes. Com a aquisição dos resultados, a pesquisa

conclui que a visita a esses espaços – como uma forma de proposta didática – pode despertar nos estudantes a curiosidade, a indagação e o senso da importância de estudar os conteúdos em campo.

**PALAVRAS - CHAVE:** Espaços não-formais. Geografia. São Gonçalo.

### TEACHING IN NON-FORMAL SPACES OF LEARNING IN SÃO GONÇALO-RJ: THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE

**ABSTRACT:** The non-formal spaces of learning have promoted significative experiences to think the teaching of Geography and the spacial understanding of the city. This work has the aim to analyze the importance of spacial understanding of two non-formal spaces located in the municipality of São Gonçalo – RJ: the Settlement Farm Engenho Novo – Girassol Site – and the Climatological Experimental Station of the University of the State of Rio de Janeiro. These spaces are visited by students of two publics school located in São Gonçalo – RJ. The activities guide were built thus to organize the idea of to watch, describe, and understanding spaces by students. With the results, the research concludes that the visit to these spaces – as a form of pedagogical didactics - can arouse in students the curiosity, the enquiry and the sense of the importance of studying the contents in practice.

**KEYWORDS:** Non-formal space. Geography. São Gonçalo.

## 1 | INTRODUÇÃO

Temos vivido a cada dia preocupações de como trabalhar os conceitos curriculares com os estudantes na escola básica. Tendo como uma das finalidades de ensino, o professor preocupa-se em incitar o “saber compreender e analisar” de diferentes fenômenos que se apresentam nas diferentes escalas geográficas no ensino da Geografia. Isto porque o profissional reconhece a relevância do aprendizado destes valores aos alunos que devem aprender a ler o mundo também de forma científica.

Esta tarefa segundo Cavalcanti (2011) tem possibilitado pensar como construir o conhecimento – no caso, o geográfico – com os estudantes, para que eles consigam ir além de uma leitura simples do espaço geográfico, da paisagem ou da cidade. Sacramento *et al.* (2016) aponta a importância de pensar os conceitos e conteúdos geográficos como parte do processo da aprendizagem de Geografia dos alunos de maneira que compreendam como os fenômenos “se espacializam” em um determinado espaço. Assim, os conceitos e os conteúdos possuem um relevante papel pedagógico ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, já que os auxiliam a “sair do senso comum” das concepções geográficas sobre determinados objetos e lugares, a fim de aprimorar a percepção científica de “ler mundo” em que vivemos.

Ao pensar em como ensiná-los, necessitamos construir também formas didático-pedagógicas em nossas aulas para organizar “o quê?”, “por quê?” e “como ensinar?” Geografia na sala de aula. Isto é parte da maneira como a escola básica lida com questões ligadas ao conhecimento geográfico para estruturar a metodologia de aula para aplicar criticamente os conceitos e conteúdos curriculares.

Assim, nos indagamos: (i) Quais são as melhores estratégias de ensino para mobilizar a aprendizagem dos estudantes na escola básica? e (ii) como pensar conteúdos e conceitos críticos para desenvolver nos estudantes leituras sobre o espaço geográfico e outros conceitos relevantes?

Podemos destacar que a leitura do espaço geográfico está para além dos muros da escola como também em atividades metodológicas desenvolvidas por professores em outros espaços não-escolares. Uma das possibilidades para pensar metodologicamente como ensinar é a partir dos espaços não-formais os quais têm sido estabelecidos como estratégia didática em algumas escolas da rede pública do município de São Gonçalo-RJ.

Destarte, os espaços não-formais de aprendizagem são aqueles nos quais acontecem práticas educativas de maneira organizada e fora da escola. Estes espaços mobilizam outros espaços e suas “funções”, “formas” e “conteúdos”, pois se estruturam de acordo com o objetivo o qual foi pensado para intervir educativamente ou não.

Para o ensino de Geografia, produzir práticas que mobilizem os estudantes a compreensão dos diferentes espaços é contemplar a análise dos fenômenos organizada e estruturada nos conteúdos curriculares trazidos da sala de aula.



Este artigo apresenta os dados do estudo que foi realizado pela assessoria do projeto de pesquisa financiado pela Faperj -*Auxílio à pesquisa AQ1* “As Práticas Pedagógicas Docentes em Geografia e os textos e políticas curriculares nos estados do Rio de Janeiro e Goiás” (2016 –). O objetivo do estudo discute as diferentes possibilidades de construção didática. Assim, foram construídas diferentes ações didático-pedagógicas através de oficinas, palestras, trabalhos de campo, materiais didáticos e dentre outros; a partir da temática “Cidade e os diferentes fenômenos, conceitos e conteúdos geográficos”.

Assim, o objetivo deste texto é analisar a importância da leitura espacial de dois espaços não-formais situados no município de São Gonçalo-RJ, o Assentamento Fazenda Engenho Novo – Sítio Girassol – e a Estação Experimental Climatológica da UERJ-FFP como espaços que podem potencializar a produção do conhecimento geográfico. Foram visitados por estudantes de ensino médio e fundamental de duas escolas: Escola Estadual Moacyr Meirelles Padilha e Escola Estadual Frederico Ozanam no ano de 2018.

Desta maneira, o texto está estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento, uma revisão de literatura dos espaços não-formais e o ensino de Geografia para pensar o ensino da cidade – no caso, de São Gonçalo; em seguida, do ponto de vista metodológico, apresentar a análise das etapas de desenvolvimento das atividades não-formais. Finalmente, será exposta a análise sobre os diferentes espaços visitados e estudados; quais são suas espacialidades e a construção dos conceitos e conteúdos geográficos com os estudantes e findando o artigo como uma reflexão final avalia criticamente os resultados da visita a estes espaços que despertam nos estudantes a indagação e a importância de estudar os conteúdos *in loco*.

## **2 | ENSINAR GEOGRAFIA EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE APRENDIZAGEM EM SÃO GONÇALO-RJ**

Pode-se considerar que há diferentes maneiras de viabilizar a construção do conhecimento. Durante os projetos de pesquisa, buscamos junto as práticas pedagógicas dos professores elaborar um conjunto de propostas didáticas que possam potencializar a leitura espacial vivenciada pelos estudantes sobre a cidade de São Gonçalo.

Cavalcanti (2012) destaca que a cidade pode permitir o indivíduo a ter várias leituras sobre o próprio ambiente, pois ela se apresenta de acordo com um conjunto de fenômenos organizados espacialmente na produção do espaço geográfico. Então, cada parte da cidade e seus objetos têm formas e estruturas trazendo sentidos, signos e relações únicas com o lugar experienciado por questões da dinâmica da sociedade. Estas formas, estruturas e conteúdos podem ser pensadas a partir de leituras desenvolvidas pelos professores a partir da proposta da construção dos conceitos e conteúdos geográficos organizados para desenvolver a aprendizagem de seus estudantes.

De acordo com Sacramento *et al.* (2016), estudar a cidade, enquanto uma forma

de organização espacial, possibilita aos estudantes apreenderem conceitos para ler o espaço geográfico e, desta maneira, analisar sua própria espacialidade, bem como ter uma consciência espacial das dinâmicas sociais e físico-naturais na compreensão de que as cidades têm formas espaciais desiguais e contraditórias. Sendo assim, os fenômenos são trabalhados para dar sentido a forma, conteúdo, estrutura e função que cada lugar estabelece com a cidade. Podemos dizer que a cidade se torna única, pois seus objetos e suas relações com o espaço são únicos. Por isso, pensar em atividades que promovam a dinâmica da cidade é refletir sobre seus usos que são constantemente transformados com a necessidade da sociedade em um determinado tempo-espaço.

Tem uma população com mais de 1.000.000 de habitantes e, função disto, São Gonçalo é segundo maior município populoso do estado e sendo também o segundo maior colégio eleitoral. Como um espaço constituído por com muitas contradições socioeconômicas, São Gonçalo apresenta muitos problemas como, por exemplo, de infraestrutura. Podem citar-se as dificuldades da localidade questões como (a) ruas ainda sem pavimentação ou emburacadas, (b) falta de saneamento básico, (c) coleta de lixo sem programação fixa em alguns bairros. O município inclusive apresenta fluxos de tráfego intensos na BR 101 e na RJ 106 – (a) com engarrafamentos em diversos horários; (b) transporte ainda incipiente para a população.

Outro problema que impacta bastante no cotidiano da cidade é a grande recorrência de casos de violência urbana – (a) bairros sendo tomados pelo tráfico de drogas; (b) por facções criminosas e milícias; etc. Os impactos sociais são diversos com falta de emprego e de moradia adequada pelo o indivíduo estar muitas vezes em áreas de riscos ambientais, já que nos últimos tempos a cidade tem vivido problemas com as enchentes, em que os moradores perdem seus bens e, alguns a própria casa.

As representações dos bairros e seus diferentes contextos também é uma característica do lugar muito complexa de compreender, pois uns são voltados para aspectos da residência de baixa renda, outros com características comerciais e residenciais de condomínios de prédios; outros com características mais comerciais e de serviços; outros com dinâmicas industriais; outros com dinâmicas mais rurais; outros com fazendas em área urbanas; outros com áreas industriais, residenciais mistas e museu e, assim, podemos compreender as funcionalidades que a cidade nos apresenta.

Ensinar geografia a partir dos espaços ditos não-formais é buscar entender o trabalho em lugares fora do ambiente da instituição escolar, ou seja, fazer a leitura espacial dos conteúdos desenvolvidos na sala de aula para fora dela. Segundo Falcão (2009), a forma de ensinar capacita a “abrir maneiras de apreender” o conhecimento sobre o mundo que circunda os sujeitos e suas relações sociais, adicionando um aspecto um interativo durante a realização do processo educativo. Para a autora, as atividades em espaços não-formais possibilitam construir conhecimento de conceitos e conteúdos ministrados em sala como também dos fenômenos que se manifestam para além do estudado.

Ao escolher o local que será analisado e vivenciado pelos estudantes, o conhecimento inserido neste espaço permite um momento de interação não só com o lugar em si, mas das próprias relações estabelecidas entre os estudantes na dinâmica “sobre” e “no” espaço.

Esses espaços estão dentro de um contexto, de uma lógica de produção do espaço geográfico e, por isso, não podem ser tratados de forma isolada, mas sim criticamente ser observados como os objetos são organizados naquele lugar. Então, trazer alguns espaços não-formais para pensar os conteúdos de Geografia é permitir também o desenvolvimento da ação de conhecer a cidade e suas diferentes formas e conteúdos nos alunos. Para Jacobucci (2008) os espaços não formais podem ter dois significados: uma de instituição e local que não regulamentos e que possuem equipe técnica que organiza as atividades (museus, parques e outros) e outros que podem ser ambientes naturais ou urbanos que não tem estrutura institucional, mas um lugar possível de práticas educativas, como é o caso da Fazenda. Cada uma delas tem sua função social, já que os objetivos são diferentes uns dos outros – sua origem, organização, estrutura, forma, ações, dimensões, usos etc. – e requer interpretações para analisar como essas espacialidades se constituem de forma a perceber seu papel dentro da cidade de São Gonçalo.

Falcão (2008) destaca a importância dos espaços não-formais em relação aos museus, mas trazendo suas ideias para dialogar de uma maneira mais ampla. Pode-se dizer que os diferentes espaços (a) podem dar acesso a diferentes e novas linguagens e tecnologias, bem como valores e formas de conhecimento científico cultural ou não dependendo do espaço visitado. (b) Concedem as diferentes instituições ou não-instituições com que sejam avaliadas por um viés norteado pela finalidade de conservar, estudar, expor e valorizar os testemunhos materiais do homem e de seu ambiente, para educação e lazer da sociedade. (c) Possuem diversas características temáticas que variam de acordo com o objetivo.

### 3 | METODOLOGIA

Compreender a importância da construção do conhecimento entre os espaços não-formais e os conceitos e conteúdos do ensino de Geografia ministrados nos espaços formais da escola é dialogar com metodologias de ensino que permitam fazer a leitura dos diferentes espaços e seus contextos.

Os espaços não-formais de aprendizagem têm promovido experiências significativas para pensar o ensino da Geografia e a leitura espacial da cidade. Organizar todo processo de planejamento a execução de visita a esses diferentes espaços é trabalhar com os conceitos e conteúdos geográficos para construir aprendizagens significativas a partir de atividades práticas para compreender *in loco* os fenômenos espacializados. Para a elaboração das propostas de atividades nestes espaços, é importante considerar que:

a) Desenvolver um planejamento adequado, ou seja, verificar as datas, os horários, disponibilidade do local (agendamento), se existe algum pagamento, o deslocamento – como de transporte a usar, se o espaço tem visita guiada, material necessário: I) Para a atividade no Sítio Girassol, o professor entrou em contato por telefone com o dono do Sítio para saber data e horário mais adequados; as visitas não tem pagamento; o espaço tem visita guiada; os estudantes do ensino médio foram de ônibus público até o local da visita; o material usado foi o roteiro de atividades; II) Em relação ao Estação Climatológica, a marcação da visita foi por *e-mail* divulgado no site do Laboratório de Geociências para verificar o dia e hora adequados; as visitas não são pagas e são guiadas; a escola alugou um ônibus para os estudantes.

b) Pensar em diferentes formas de articular a aprendizagem e potencializar o que pode ser trabalhado dentro dos espaços. Para tanto é importante fazer uma visita prévia e estudar o lugar: I) a visita foi realizada em ambos os espaços e, a partir disso, os roteiros de atividades foram estruturados para que mediem os conceitos e conteúdos organizados na sala de aula.

c) Saber elaborar as atividades que envolvam o que foi ensinado em sala de aula, ou o que vai ser ensinado: I) organização de um roteiro de atividades que tratou os espaços a serem explorados durante a visita a partir dos conceitos e conteúdos ensinados na sala.

d) Refletir sobre a forma de aprendizagem dos conteúdos e conceitos: I: as atividades foram pensadas, a partir da organização dos temas para uma discussão conceitual sobre a leitura do lugar a ser visitado; II: E, a partir disso, foram desenvolvidas com os estudantes as formas de observação, descrição e análise dos fenômenos vivenciados no espaço em questão.

e) Entender que os espaços não-formais são de aprendizagem, portanto o professor precisa realizar atividades com os seus objetivos: I. Tema: Agricultura familiar, espaço rural, paisagem, soberania alimentar, especulação imobiliária para o ensino médio; II. Tema: Clima, risco, a vulnerabilidade, o clima, o tempo e os diferentes impactos ambientais para o ensino fundamental.

As atividades foram divididas em três partes: (i) uma em sala de aula com o intuito de diagnosticar e formar o conhecimento conceitual do aluno sobre a discussão da Agricultura no Brasil. Desta forma, levaram-se em consideração os impactos atuais com a reforma e modernização do campo, quem são os sujeitos resistentes a todo processo do capital. (ii) Outra parte foi a visita ao sítio com o intuito de identificar as práticas sociais invisibilizadas e subalternizadas na escala metropolitana. Deste modo, puderam-se conhecer suas práticas agrícolas e formas de ser e estar no espaço; como eles se identificam e fomentaram a luta por reconhecimento tanto social quanto territorial para, então, repensar os sujeitos e os significados que deveriam atuar no fazer da cidade.

Finalmente, (iii) a outra parte fora desenvolver atividades de finais na sala de aula como finalização do tema. Em relação à Estação Climatológica, as discussões foram realizadas a partir do tema Clima e Tempo: risco e vulnerabilidade com a aula expositiva

dialogada e jogos na sala de aula; visita ao local e, depois, um fechamento na escola.

### **3.1 Os participantes das atividades**

As turmas do 2º Ano do Ensino Médio (2001, 2002, 2003 e 2004) que formou um total de 50 (cinquenta) estudantes do Colégio Estadual Doutor Moacyr Meirelles Padilha. Desenvolveram atividades dentro do Sítio Girassol, pertencente ao Sr. Onofre, no Assentamento Fazenda Engenho Novo em Monjolos-SG-RJ em junho de 2018. As turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental constituíram um grupo com um total de 40 (quarenta) estudantes que desenvolveram as atividades na Estação Experimental Climatológica em novembro de 2018 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no campus da Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo.

### **3.2 Os locais visitados**

Assentamento Fazenda Engenho Novo está localizado em Monjolos-SG-RJ. Era parte de um dos maiores latifúndios do local e foi comprada pelo Barão de São Gonçalo, Sr. Belarmino Ricardo Siqueira, em 1830; o qual produzia cana-de-açúcar, laranja e abacaxi. Em 1943, a fazenda acabou sendo vendida para José Baltazar Cerrado que voltou sua produção para agropecuária no local. Em 1989, foi vendida para um empresário que começou a remoções dos meeiros e arrendatário, ocorrendo conflitos agrários no local. A partir do Decreto Estadual 16.492, a área torna-se de utilidade pública e, em 1993, aconteceu a posse provisória do imóvel.

Atualmente, tem mais ou menos 150 famílias que trabalham ou vivem nas terras que foram criadas a partir do desmembramento da fazenda com mesmo nome, em 1993, pelo ITERJ (Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro). Segundo a EMATER-RJ, o Assentamento Rural Fazenda Engenho Novo possui uma área de 740ha e tem a bovinocultura (leiteira e de corte), caprinocultura (leiteira), olericultura (quiabo, milho-verde, maxixe, aipim), fruticultura (banana, manga, laranja, tangerina, limão, caqui, etc.) e outras culturas (cana-de-açúcar) como principais atividades desenvolvidas.

A Estação Experimental Climatológica criada em 2005 localiza-se dentro do campus da UERJ-FFP e realiza constantes monitoramentos do clima do próprio município, identificando os períodos mais chuvosos e, também, a temperatura média e os incorporam aos estudos a respeito de enchentes e movimentos de massa pela equipe de pesquisadores do Laboratório de Geociências (LabGeo). A figura 1 apresenta a localização das duas áreas visitadas que estão localizadas no bairro do Patronato e o outro no bairro de Monjolos em São Gonçalo.

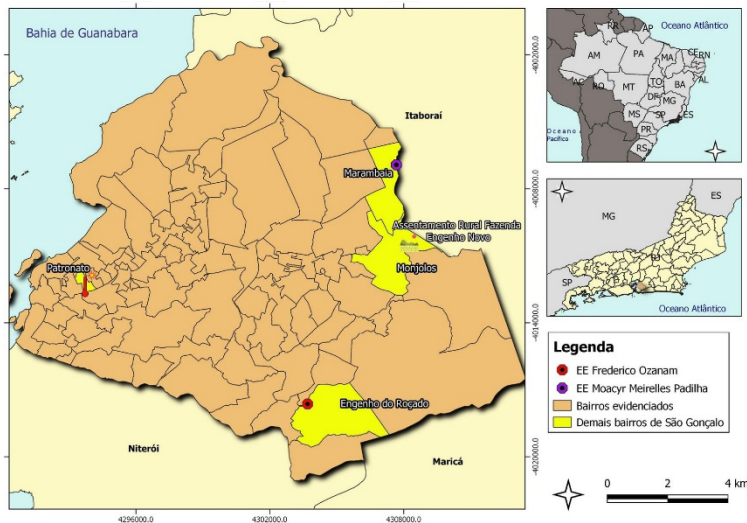


Figura 1: Localização das escolas da pesquisa e dos espaços não formais

Fonte: Organizado por Alan Silva (2020).

#### 4 | APRENSÕES DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS: ASSENTAMENTO FAZENDA ENGENHO NOVO – SÍTIO GIRASSOL E ESTAÇÃO EXPERIMENTAL CLIMATÓGLICA A FFP-UERJ

As atividades propostas buscam discorrer sobre a importância de trabalhar os conceitos e conteúdos geográficos em ambientes não-formais escolhidos a partir da organização didática do professor que desenvolveu nas aulas problematizações com os seus estudantes a respeito dos temas “Agricultura Familiar” e “as questões climáticas”.

Cavalcanti (2011) nos atenta para compreender como saber trabalhar os diferentes conceitos geográficos a fim de desenvolver nos estudantes a capacidade intelectual de pensar geograficamente. Sendo assim, a construção do conhecimento acontece a partir do momento em que os estudantes apreendem o significado dos conceitos e conseguem “recontextualizar” em diferentes situações. Para tanto, o professor precisa desenvolver mediações didáticas que potencializem “o saber usar” e questionar os signos e símbolos que estão coisificados na paisagem. Assim, neste momento, serão trabalhados o desenvolvimento dos fenômenos percebido durante as duas visitas a seguir.

##### 4.1 Assentamento Fazenda Engenho Novo Sítio Girassol

Por que desenvolver uma atividade neste assentamento? Quais são os sentidos de compreender o que ocorre neste espaço e como a paisagem se configura? Qual é a importância de compreender a agricultura familiar, principalmente, no Brasil? Como usar o conceito de paisagem para compreender o funcionamento da sociedade e da dinâmica

espacial? Essas foram algumas indagações pensadas não só na aula, mas também na ida ao campo para compreender alguns conceitos e conteúdos geográficos trabalhados em sala de aula.

A visita teve o objetivo de retratar a agricultura familiar periurbana e a sua importância para autonomia alimentar para os moradores da região. Isto porque o desenvolvimento capitalista, por ser contraditório, gera marcas de tal condição na paisagem que podem ser identificadas. Em relação aos objetivos específicos da visita, o estudo apresenta (a) compreender a dinâmica socioespacial do lugar; (b) identificar as principais atividades realizadas; (c) compreender o que representa um assentamento; (d) analisar as lutas contra o avanço da especulação imobiliária na área, e (e) compreender como as marcas deixadas na paisagem podem nos dar pistas de como ler a cidade e sua dinâmica.

As aulas expositivas dialogadas foram organizadas com a dinâmica de promover os seguintes questionamentos: a) Qual o significado da Agricultura Familiar? b) Como pensar a dinâmica campo/cidade no Brasil e em São Gonçalo? c) Que paisagens são essas que se expressam na produção de um espaço agrário familiar?

As provocações iniciais eram para buscar a construção de três conceitos do campo geográfico a serem estruturados: Agricultura Familiar, espaço geográfico rural; e a produção materializada na paisagem e rugosidades. Estes conceitos nortearam as aulas que mobilizaram outros conceitos geográficos como soberania alimentar, especulação imobiliária e agricultura periurbana.

Outro retratado é o espaço periurbano que se pode dizer que é o local onde as atividades ditas rurais e urbanas acabam se misturando. Desta forma, não há uma delimitação dos seus limites territoriais físicos ou sociais da relação entre o espaço urbano e o rural. Assim, o bairro onde se localiza o Assentamento está nessa relação de um espaço periurbano.

Ao longo das aulas, a construção desses conceitos levou os estudantes a refletir sobre como o espaço rural se manifesta e a partir de que dinâmica? Sabe-se que o conceito de espaço rural tem como relação o espaço destinado às atividades ligadas à terra, ao modo de trabalho agrícola e não-agrícola, bem como ao modo de vida e os padrões tecnológicos (ROSAS, 2014). A problematização deste conceito mobiliza a indagação: Por que estudar esse espaço? Além de estas formas de apropriação da terra, também estabelecem formas de seu uso. Desta maneira, ao entender o espaço rural brasileiro, questiona-se as formas de trabalho.

A agricultura familiar é uma maneira de cultivo da terra e de produção rural com uma gestão e mão-de-obra geralmente em uma grande maioria de um núcleo familiar. Por isso, ela caracteriza-se com as produções em pequenos lotes de terra, sendo a família proprietária, gestora e, ao mesmo tempo, responsável pela produção e comercialização de seus produtos. O processo de produção de uma agricultura familiar difere-se de uma agricultura do agronegócio, principalmente, no país em que a segurança alimentar é

garantida pela primeira. Essa discussão com os estudantes é primordial para estabelecer os tipos de relações de produção que são estabelecidas por nestes espaços. Os agricultores familiares, muitas vezes, são inviabilizados nas ações de diferentes governos – a nível federal, estadual e municipal – pois esses espaços, por vezes, são disputados em lutas pelo direito à terra.

Dessa forma, visando alavancar a compreensão da produção do espaço da cidade de São Gonçalo e sua relação com o tempo, no sentido das lutas sociais pelo direito a terra; resolvemos apresentar para os alunos os conceitos de assentamento, agricultura periurbana e rugosidade. Seguindo a ordem estabelecida na prática da sala aula, abordaremos aqui o conceito de assentamento para, depois, avançar na compreensão da importância da agricultura periurbana, para a segurança alimentar da região. Além disso, serão estudados com os alunos como essas atividades deixam sua marca na paisagem, expressando, assim, qual tipo de relação social de produção ela representa, estabelecendo as diferenças com outras relações sociais de produção e suas marcas na paisagem.

Diante dessa dinâmica apresentada, seguimos ao entendimento da agricultura familiar, que se destaca como uma forma de vida de homens e mulheres que resistem ao longo do tempo aos processos de avanço do capital. Buscam sobreviver tentando manter-se através da solidariedade e colaboração, destoando do ambiente competitivo. Apesar disto, agricultura familiar é subalterna aos grandes empreendimentos que atuam no setor do agronegócio. Assim, a organização de associações dos assentados e reassentados tem a possibilidade de potencializar suas capacidades produtivas.

Um assentamento pode ser compreendido como um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si instaladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Originalmente, um assentamento era um imóvel rural (latifúndios) que pertencia a um único proprietário (Latifundiários) e cada um chamava-se de parcelas, lotes ou glebas. Era entregue pelo INCRA a uma família sem condições econômicas para adquirir e manter um imóvel rural por outras vias, ou para famílias que foram deslocadas de suas moradias devido a inúmeros fatores adversos.

A quantidade de assentamento depende da capacidade da terra em comportar e sustentar as famílias assentadas. O tamanho e a localização de cada lote são determinados pelas condições produtivas que o local oferece. O funcionamento de um assentamento depende da própria mão de obra familiar, em que os assentados que recebem o lote se comprometem morar em seus lotes e explorá-los para seu próprio sustento. Os assentados de reforma agrária podem ter acesso a créditos fundiários, assistência técnica rural, infraestrutura e outros benefícios de apoio ao desenvolvimento das famílias assentadas. Até que possuam a escritura do lote, os assentados e a terra recebida estarão vinculados ao INCRA, no entanto, sem ter posse da escritura do lote em seu nome, os assentados não poderão vender, alugar, doar, arrendar ou emprestar sua terra a terceiros.

Nesse sentido, os assentamentos possuem características similares a agricultura



familiar torna-se praticamente um condicionante do outro e, se analisarmos com mais profundidade, apresentam-se como modos de vida “não-capitalistas”. Desta maneira, não há produção de mais valor, ou seja, as relações de produção estabelecidas ali não têm como base a exploração do homem pelo homem através do tempo de trabalho excedente. Assim, representam uma resistência ao avanço espacial do modo de produção capitalista. Vemos que as paisagens dessas áreas apresentam “rugosidades”, que exprimem uma dialética do tempo que materializa as diversas divisões do trabalho de forma sucessiva, sobreposta e simultânea. Como afirma Silva (2011, p. 12),

rugosidades são formas e processos inerentes ao conflito histórico e dialético estabelecido por uma urbanização que homogeneiza, ao mesmo tempo, fragmenta e hierarquiza as condições de vida na cidade. Tais processos contraditórios não podem ser explicados por uma abordagem geográfica pragmática e/ou tradicional, presa somente na localização/descrição das áreas e, tampouco, engessada em periodizações dos momentos da urbanização da cidade.

O avanço no conceito de rugosidades nos leva a compreensão do espaço como acumulação desigual dos tempos. Tal fato condiciona o entendimento de que a produção (do espaço) na cidade de São Gonçalo leva os alunos a refletir a importância de serem autores da sua própria história e que são capazes de intervir concretamente na realidade da cidade onde vivem. Mas, para fazerem isso com criticidade e exercer a cidadania plena, é preciso apropriar-se dos saberes geográficos escolares e visualizá-los *in loco*. Por isso, a visita ao Sítio Girassol era de extrema relevância, para que os estudantes compreendessem as ocupações espaciais e as formas de produção realizadas pelos trabalhadores rurais.

Durante o trajeto da escola ao local, foi explicado para os estudantes a relação entre o rural e o urbano no Distrito de Monjolos (onde se localiza o sítio), uma vez que é percebido diversas atividades urbanas não ligadas à produção agropecuária materializada na paisagem periurbana gonçalense. Os estudantes ao longo do trajeto questionaram, a dificuldade de diferenciar o rural e o urbano, quando chegassem ao sítio, pois a paisagem depois de um certo ponto não tinha tantas atividades comerciais. Uma das questões observadas ao longo do trajeto também está relacionada à especulação imobiliária.

Azevedo e Godoy (2012, s/p) discorrem que mesmo sendo considerado uma área de uso rural, a relação entre o rural-urbano é perceptível na área de Monjolos, uma vez que é próximo ao centro urbano do município.

Com a chegada dos alunos ao espaço, começaram a compreender a lógica de uma agricultura familiar. A recepção de um dos trabalhadores do sítio mobilizou a relação inicial da “luta” travada do Governo do Estado do Rio de Janeiro com a Prefeitura de São Gonçalo pelo reconhecimento da terra. Esse primeiro momento mostrou a discussão sobre a luta pela terra e do movimento sem-terra, sendo o primeiro momento da parada na entrada central do Sítio.

No segundo momento, os alunos caminharam para o local onde se concentra o cultivo e foram estimulados a analisá-lo, a partir dos conteúdos sobre a dinâmica do espaço discutidos em sala de aula. Sendo assim, eles tinham que refletir sobre os processos que estavam ocorrendo no sítio, os impactos e a lógica de ser pequeno agricultor no nosso país. As perguntas elaboradas por eles foram diversas como, por exemplo

- I. Como pensar, então, a importância do Assentamento para o município?
- II. Quais são as principais atividades realizadas por eles?
- III. Para quem vendem seus produtos e onde vendem?
- IV. Se eles se sentem ainda ameaçados por terem problemas com o governo?

Durante o momento de resposta, o trabalhador destacou a falta de incentivo por parte do Governo em conseguir recursos para desenvolvimento do trabalho dentro da Fazenda e do Sítio. Sabemos do pequeno investimento feito pelos Governos que priorizam o agronegócio. Os pequenos agricultores são fundamentais para a segurança alimentar do nosso país, pois, segundo dados da Embrapa (2014), apresentaram que 70% da produção é destinada às populações urbanas locais.

Já na área de cultivo, os estudantes observaram os diferentes tipos de plantações e de animais como cavalos e bois. Segundo o trabalhador, as principais atividades produtivas são olericultura (quiabo, milho, maxixe, aipim), fruticultura (banana, manga, laranja, tangerina e outros), bovinocultura (leiteira e corte) dentre outros. Estas informações possibilitaram compreender a dinâmica do processo de trabalho que não precisa efetivamente de maquinários sofisticados, mas de boas parcerias para saber usar da melhor forma a terra. Assim, ele nos relatou sobre as parcerias com universidades e ONGs que os ajudam a melhorar a produção. No caso do Sítio Girassol, durante a trajetória do percurso da visita a produção de hortaliças, foram mais evidenciadas, conforme observada na figura 2.



Figura 2: Sítio Girassol – Assentamento Fazenda Engenho Novo

Fonte: Ana Claudia Ramos Sacramento (2018)

Os alunos também questionaram sobre condição de renda, como transportam e vendem para fornecer o CEASA e a forma de venda na porta do sítio. Destacou que suas atividades econômicas são necessárias para uma cidade, visto que a proximidade pode baratear o custo dos alimentos e tal espaço representava uma resistência ao avanço da especulação imobiliária.

Desta forma, os estudantes apreenderam também que cada espaço tem sua função social, já que os objetivos são diferentes uns dos outros – sua origem, organização, estrutura, forma, ações, dimensões, usos e outros – requerem interpretações para analisar como essas espacialidades se constituem de forma a perceber seu papel dentro do município de São Gonçalo.

#### **4.2 Estação Experimental Climatológica da FFP-UERJ**

Durante as aulas do 8º e 9º anos que trabalham com o tema das escalas regionais e mundiais, o professor potencializou a discussão sobre o Clima e suas condições no mundo e no Brasil. As discussões conceituais centrais estavam nos efeitos das ações humanas pelo mundo como o risco, a vulnerabilidade, o clima, o tempo e os diferentes impactos ambientais. O trabalho foi organizado por meio de aulas expositivas dialogadas, nas quais o professor conjuntamente com os bolsistas trabalhou com os conceitos e elaboram um jogo para desenvolver as capacidades cognitivas dos estudantes. A partir da dimensão de se pensar a análise geográfica do clima, os estudantes foram capazes de compreender que os fenômenos climáticos têm impacto na organização e estruturação das paisagens, bem como do espaço geográfico em diferentes dimensões.

Em São Gonçalo, existe a Estação Experimental Climatológica estruturada e

gerenciada pelo Laboratório de Geociências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Faculdade de Formação de Professores. A estação existe desde 2005 com o objetivo de popularização e difusão dos conhecimentos técnicos sobre a dinâmica do tempo atmosférico e as noções de uma Climatologia geográfica. Assim, a espacialização dos fenômenos atmosféricos, por meio do monitoramento dos dados climáticos aliados aos movimentos de massas ocorrentes no município, pode se tornar mais acessível ao público. O espaço tem um conjunto de instrumentos que possibilitam aos pesquisadores terem dados importantes para compreender o clima e o tempo de São Gonçalo.

Ela é aberta para visitação com agendamento para estudantes, técnicos e outros profissionais com interesse de compreender melhor os aparelhos para análise geográfica do clima. Além disso, dentro do Laboratório de Geociências, os estagiários mostram dados de monitoramento e mostram a correlação com os riscos naturais e sociais que acometem a sociedade gonçalense como inundações, movimento de massas etc.

Na primeira etapa da visita, os estudantes conhecem os espaços do campus e, depois, tem uma palestra sobre a UERJ. Na segunda etapa, eles vão à Estação para conhecer os aparelhos e compreender a atuação de cada um deles para a coleta de dados. Os estudantes aprendem, conforme Bertolino *et al.* (2007), que os dados obtidos pela Estação apresentam o clima da região tipo Aw na classificação de Köppen. O período mais seco ocorre entre os meses de maio e outubro com totais pluviométricos mensais inferiores a 100 mm. Os estagiários explicam a questão da temperatura e dois índices pluviométricos. Eles destacam a relação dos dados para análise espacial geográfica do município, bem como os equipamentos, de acordo com Bertolino *et al.* (2018), de heliógrafo, tanque de evaporação, pluviômetro, pluviógrafo, anemômetro e três geotermômetros em diferentes tipos de profundidade (11, 21 e 31 cm); um abrigo meteorológico que conte termômetro de bulbo úmido; termômetro de bulbo seco; termômetro de temperatura máxima; termômetro de temperatura mínima; evaporímetro de Piché e barômetro; conforme na figura 3. A estação climatológica automatizada (MAWS) com sensor de temperatura; sensor de chuva, de vento, de ponto de orvalho, de umidade relativa e de pressão atmosférica.



Figura 3: Laboratório Geociências.

Fonte: Ana Cláudia Ramos Sacramento (2018)

Ao explicar sobre a função de cada aparelho, os estudantes apreendem como os dados coletados ajudam a avaliar os principais riscos que podem ocorrer dentro do espaço de São Gonçalo e articular com as outras escalas. Assim, as discussões sobre as mudanças na paisagem com as inundações e deslizamentos—causam impactos tanto natural como social e acontecem nas outras escalas mundiais.

No Laboratório de Geociências, os alunos dialogam com os estagiários sobre a relação dos problemas urbano-ambientais em São Gonçalo por meio dos conteúdos da climatologia e da pedologia para explicar a influência dos eventos de inundações e deslizamentos. A partir disso, fazem correlações de inundações em dias de chuvas muito fortes com as outras escalas.

A partir das discussões conceituais dialogadas com os estagiários, os estudantes desenvolveram algumas atividades com o objetivo de trazer, por meio de desenhos criados por lápis e tinta feita de sedimento em cartolinas, os diferentes instrumentos presentes na estação climatológica. Além disso, descreveram as suas respectivas funções e a importância de uma estação.

Na escola, foram discutidos com os estudantes a importância deste espaço para o município de São Gonçalo. Abordou-se inclusive a questão do próprio campus da universidade como um espaço científico, os instrumentos e aparelhos para compreensão dos dados climáticos e saber fazer as análises desses dados que permitem analisar os riscos e as prevenções que passam ser elaboradas em áreas de risco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas voltadas ao ensino de Geografia apresentam-se muitas vezes como uma alternativa a uma ordem vigente. Repensar o significado do local dentro da prática escolar é um desafio, visto que o acesso a novas realidades é ir para além dos muros e buscar novas formas de desenvolver a leitura espacial da cidade. Desta forma, realizar atividades nos espaços não-formais em São Gonçalo coloca-se em desafio devido à precarização da escola pública, à falta de infraestrutura e de financiamento para outras atividades.

Estudar os diferentes conteúdos nos espaços desta cidade e entender suas formas, funções e estruturas é refletir do papel que a disciplina pode oferecer, quando se é pensado e organizado o conhecimento para uma aprendizagem significativa dos estudantes. A partir do trabalho realizado pelos (as) docentes em sala, explicando os conceitos e conteúdos, possibilitou a compreensão dos fenômenos ocorridos nestes espaços que são parte da cidade de São Gonçalo.

O Sítio Girassol dentro do Assentamento Fazenda Engenho Novo promoveu nos estudantes a reflexão sobre o significado de um tipo de agricultura no país, sua característica, sua produção de mão de obra e de produto. Ao discutir com os trabalhadores sobre o que desenvolvem no sítio, puderam compreender as dinâmicas ocorridas neste espaço.

Assim, evidencia-se que ensino de conteúdos físico-naturais articulado com o trabalho realizado pelos estudantes na Estação Experimental Climatológica desenvolve a maior compreensão e análise de forma precisa dos processos espaciais e as suas constantes mudanças. O estudo, por meio das leituras e análises dos dados deste lugar, permitiu aos pesquisadores terem informações sobre o clima da cidade de São Gonçalo. Desta maneira, ao fazer a visita ao lugar, os estudantes conheceram os aparelhos, como também entenderam suas funções e importância para pensar a análise geografia do clima local.

Portanto, as atividades práticas em espaços não-formais é uma possibilidade de intervenção pedagógica que permite aos estudantes compreenderem os conteúdos e conceitos apreendidos do lugar, mas conhecer outros espaços que não são da escola, mas “da” e “na” cidade.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Cristiane Valladares de; GODOY, Karla Estelita. Fazenda Engenho Novo: as relações de pertencimento de um patrimônio e a comunidade em seu entorno. In: XV CISO - Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-Alas Brasil, 2012, Teresina. **Anais...** Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012, s/p.

BERTOLINO, Ana Valéria Freire Allemão. et al. Análise da dinâmica climatológica no município de São Gonçalo-RJ – triênio 2004 – 2007. **Revista Tamoios** (Impresso, v. IV, p. 1-13, 2007.)

BERTOLINO, Ana Valeria Freire Allemão; BERTOLINO, Luiz Carlos; SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; KEDE, Maria Luiza Félix Marques; OLIVEIRA, Ana Carolina Barbosa de; DELAZERI, Enzo Merlin. Os conteúdos de Geografia Física para a Educação Básica – Importância de se utilizar como ferramenta o monitoramento de Estação Experimental Climatológica no entendimento dos condicionantes dos movimentos de massa. In: Eliana Marta Barbosa de Moraes, Adriana Olivia Alves, Valéria de Oliveira Roque Ascenção (Org.) **Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa de Comunicação, 2018, p. 79-99

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia escolar e a cidade: Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. 4. ed. Campinas- SP: Editora Papirus, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. **Revista da ANPEGE**, v. 7, p. 179-190, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/viewFile/6563/3563>. Acesso em: 20 set. 2020.

EMBRAPA. **AIAF 14 Agricultura Familiar no Brasil**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/aiaf-14-agricultura-familiar-no-brasil>. Acesso em 20 out 2020.

FALCÃO, Andrea. Museu e escola: educação formal e não-formal. Brasília: **Ministério da Educação e Cultura**. Ano XIX – nº 3 – Maio/2009, 10-21. Disponível em:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf>. Acesso em 20 set. 2020.

INCRA/FAO. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília: INCRA/FAO, 2000. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/>>. Acesso em: 06 ago 2020.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais em educação para a formação cultural científica. **EM EXTENSÃO**, Uberlândia, nº 56, v. 7, p. 56-57, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em 20 jun. 2020.

ROSAS, Celbo Antonio Ramos da Fonseca. **Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar/Matinhos**, vol.7, n.1, p. /Jan./jun./2014. Disponível: <https://revistas.ufrpr.br/diver/article/view/39590>. Acesso em 14 set. 2020.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; CAMPOS, Aline Mello; CARVALHO, Fabiana Sanchez; SILVA, Jupiara de Jesus. Educação Geográfica e o estudo da cidade e do urbano em São Gonçalo- RJ: atividades de aprendizagem dos docentes e discentes. **Revista Tamoios** (Online), v. 12, p. 84-100, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/21441>. Acesso em 20 set. 2020.

SILVA, Ricardo Antônio Santos da. **Espaços-tempos, rugosidades e territorialidades na cidade capitalista**: Um estudo a partir da realidade do conjunto habitacional Jardim Caiçaras, Cidade Alta de Juiz de Fora - MG. 125f. Monografia de graduação. Departamento de Geociências – Curso de Geografia., Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alunos surdos 6, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22

Análise de SWOT 7, 8

Anos Finais 6, 24, 29, 30, 31, 32, 34, 35

### B

Bahia 8, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 205, 206

BNCC 6, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 79, 192

### C

Cartografia 64, 75, 78, 79, 81, 82

Centralidade Periférica 102, 105

Cuiabá 8, 24, 28, 34, 48, 75, 76, 82, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177

### D

Desenvolvimento Comunitário 7, 110, 111, 113, 114, 119, 120

Direito à cidade 7, 102, 103, 108, 109

Docência 36, 75, 82, 85, 207

### E

Educação 7, 3, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 58, 62, 74, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 139, 157, 187, 188, 191, 192, 195, 207

Educação Especial Inclusiva 7, 83, 84, 85, 90

Ensino 2, 6, 7, 4, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 108, 139, 191, 207

Ensino de Geografia 16, 21, 23, 78, 82, 92, 93, 98, 101

Espacialidade 61, 110, 114, 118

Espaços não-formais 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 73, 74

Estágio 7, 75, 76, 77, 78, 81, 82

### F

Fauna 140, 143, 146, 152, 153, 163

Faxinais 7, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Flora 140, 146, 148, 153



## **G**

Geoconservação 6, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47

Geografia Física 74, 79, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99

Goiânia 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 74

## **I**

IFG 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13

Ilhas Atol 8, 155, 156, 159, 160, 161

Incentivos Fiscais 178, 183, 184, 185, 186

## **L**

Lago 7, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

LGBTQIAP+ 8, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205

Livro Didático 6, 37, 38, 41, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 78, 81, 100

## **M**

Memória 8, 13, 30, 167, 169, 176, 177, 207

Migrantes 106, 110, 155, 157, 158, 165

MODIS 122, 125, 126, 137, 138

## **N**

Nível do Mar 8, 143, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 165, 166

## **O**

Oficinas 7, 28, 60, 83, 84, 85, 90

## **P**

Paisagem 2, 5, 6, 7, 9, 13, 38, 41, 59, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 87, 93, 115, 117, 169, 174

PIBID 83, 85, 87, 88, 89, 90

População Negra 48, 56

PROBAHIA 178, 179, 182, 183, 184, 186

## **R**

Relações Étnico-Raciais 48, 51, 52, 53, 56

Relevo 7, 92, 93, 94, 97, 98

Resistência 8, 68, 70, 109, 163, 196, 197, 199, 202, 203, 204

Ressurgência 7, 122, 123, 124, 134

## **S**

São Gonçalo 6, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74

Segregação Socioespacial 7, 102, 103

## **T**

Temperatura 7, 64, 71, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 134, 136, 138, 143, 146, 163, 172

Territorialidade 8, 167, 169, 177

Território 1, 6, 76, 80, 81, 87, 88, 110, 112, 118, 120, 156, 158, 163, 164, 165, 169, 177, 178, 184, 186, 190, 196, 198, 199, 201, 203, 204

Territórios da morte 8, 196, 197, 204

Tratados 62, 86, 155, 163, 164, 165

## **U**

Uso do território 178, 184, 186

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



 **Atena**  
Editora

Ano 2021

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



 **Atena**  
Editora

Ano 2021